

CRÔNICA DE UM HOSPITAL GERAL VI

Dr. FREUD, UM MACHISTA GENIAL

(Uma contribuição ao tema da genitalidade)

Decio

Tenenbaum

"O Eterno-Feminino nos atrai para si."

Goethe ("Fausto")

"Mulher é um bicho esquisito, todo mês sangra."

(Rita Lee, 1982)

Outro dia vivi uma situação no consultório que me fez pensar muito numa acusação que algumas pessoas fazem a Freud. O caso se deu com um paciente do sexo feminino e serve também para mostrar um pouco do trabalho clínico de um psicanalista e como podem surgir algumas reflexões a partir de uma conversa psicanalítica, mais conhecida como sessão analítica ou hora analítica.

Foi bem simples e ocorreu numa bela tarde quando estava atendendo uma senhora que sempre relatou grandes insatisfações conjugais, e que veio para o Brasil ainda adolescente para casar com um desconhecido já anteriormente acertado com a família. Nesta tarde ela me surpreendeu duas vezes. A primeira foi quando conversávamos mais uma vez sobre seu casamento e aí disse, em tom confessional e pela primeira vez nestes mais de três anos de tratamento, que houve uma época na qual o casamento era bom. Como conciliar esta informação com a história da sua vida? Fiquei surpreso. Procurei então ajudar a nós dois entendermos essa aparente contradição. Da minha parte me dei conta que a surpresa em que me vi ocorrera porque estava internamente avalizando suas queixas dos pais: "como eles me tornaram infeliz tirando-me/expulsando-me de casa e me jogando nos braços de um desconhecido, ao qual tive que me submeter para não ser novamente expulsa/rejeitada". Perceber esta minha parcialidade me permitiu ver que esta era apenas uma parte da estória. A outra parte, ficou claro, deveria ter relação com as razões de sua aparente submissão ao que era vivido como desejo dos pais. A outra surpresa veio quase no final da hora quando, tomada por um sentimento de grande vergonha associado com a impressão que eu não a entenderia (baseado na circunstância de eu ser homem) se revelasse o que pensara, disse muito sem jeito e com minha ajuda, que era feliz quando se sentia pertencendo a alguém.

Se para ela foi um alívio poder se revelar mais um pouco, para mim foi um impacto daqueles que nos acontecem quando abrimos uma janela inesperadamente num lindo dia de sol. Imediatamente lembrei de algumas músicas que falam do sentimento de pertencer a alguém (uma delas foi "You belong to me") e, em seguida, tive a "sensação" de entender mais de perto as diferenças entre as "músicas femininas" de

Chico Buarque e de Caetano Veloso. Veio num flash: "isso (pertencer a alguém) faz parte do feminino". Por que? Na hora não sabia, e não sei se realmente sei. Acho que consegui me aproximar um pouco mais deste tema e vou tentar contar. Tive também a impressão de "realizar" o que é o sentimento de desamparo.

É comum o homem se sentir "o dono do pedaço" e a mulher, sua posse. O extremo é o machismo, cuja reação igual e oposta é o feminismo. Não briguem comigo já, logo abaixo vou explicar. Quando não é excessivo, a mulher gosta de ser possuída, pertencer a alguém, ser de alguém. Chico retrata isso muito bem, como uma mulher falaria. Caetano não. Caetano louva, admira e teme a mulher, como por exemplo na música "Você é linda", e noutras onde, além da louvação, a idéia de pedir à mulher que esta não lhe faça mal também está presente.

No jogo do amor, os papéis de dono do pedaço e da fêmea a ser possuída/protegida ficaram um pouco diluídos nos tempos de hoje. "Democratizaram" estes papéis e é curioso como a "democratização excessiva" cria situações humanas às vezes esquisitas. Se fosse possível traçar a evolução da posição da mulher na sociedade ocidental vamos ver um caminho que vem desde o vazio social (Eva nasceu de uma costela de Adão, portanto nunca será tão completa quanto o homem), passando por um momento em que a liberação sexual e o feminismo nada mais foram do que a busca da posição ocupada até então pelo homem na Sociedade, idealizada como melhor, e agora busca-se um lugar de igualdade respeitando as diferenças. Poder-se-ia dizer que o momento histórico em que a mulher achou que a igualdade social seria equivalente à abolição de qualquer diferença correspondeu à etapa fálica do movimento feminista. Eu sei que corro o risco de ser taxado, como alguns fazem com Freud, de machista, ou então de tentar aplicar um saber (psicanalítico) a outro (sociológico). Peço só uma chance, pois não falei isso para abrir uma polêmica sociológica sobre os diferentes papéis dos sexos, mas sim para falar de uma coisa que Freud já falou no início deste turbulento século.

Aqui vale um parênteses. Quando falo em pertencer a alguém não quero dizer submissão. Este é o medo -confusão- da paciente. Não estou pensando naquela mulher submissa e sim em certas mulheres muito atraentes pela aura de mistério que as cerca e que, talvez sabedoras da posse deste mistério, sabem conciliar o recato, o segredo, com uma atitude receptiva gerando, não raramente, atração, temor e respeito em alguns homens. É como se existisse a possibilidade da entrega absoluta, mas sem perder a dignidade. Que coisa incrível, não é? O que é esse mistério e qual o segredo que possibilita a conciliação de uma entrega tão grande sem submissão, e que às vezes provoca o medo (no homem) da mulher passar de possuída a possuidora?

Durante muito tempo Freud estudou a Sexualidade a partir do menino. Só em 1923, com a introdução da Fase Fálica na Teoria da Libido (Freud, 1923), é que ficou mais clara uma de suas afirmações mais contundentes neste assunto: aquela que diz só existir um sexo - o masculino - até o Édipo. Como aceitar a idéia que a vagina não é conhecida até uma determinada idade, corolário da afirmação de existir apenas um sexo até o Édipo, se "O Ego, antes de tudo é um Ego corporal" (Freud, 1914). A resposta veio em 1924 com o artigo "A Dissolução do Complexo de Édipo" (Freud, 1924), onde ele mostrou como este complexo se organiza para o menino e para a menina. Lá ficou claro que o fenômeno central para a determinação da forma de entrada e de saída, isto é a estruturação, deste complexo é a Angústia de Castração (Laplanche e Pontalis, 1976).

Isto significa dizer que é toda a gama de emoções, sentimentos, percepções, recordações e pensamentos ligadas à possibilidade de perda/reconhecimento da ausência de parte do corpo (invólucro narcísico) que estrutura o Complexo de Édipo, ou a sexualidade humana.

Como dizia acima, o modelo foi sempre o do menino. Mas será que não é exatamente aí, nesta afirmação, que reside a genialidade de Freud? Isso só pode ser entendido como se até a dissolução do Complexo de Édipo só existisse um sexo: o completo (e não o masculino). Completo, narcísicamente falando, é aquele que, na comparação infantil, "tem coisas". Só assim a afirmação freudiana citada acima fica compreensível. Como do ponto de vista mental algo para ser conhecido precisa ser investido libidinalmente, e o investimento libidinal da menina está obviamente dirigido para o clitóris, seja por ser ponto de fortes estímulos, seja por ser local da diferença sexual (provavelmente por ambos), algo precisa acontecer para que este investimento seja deslocado para a vagina, tornando-a conhecida (no sentido psicológico).

É curioso notar como é comum a existência de mulheres que se revoltam contra a idéia do sexo masculino ser o completo, e de homens que acreditam nisso. São os dois lados da mesma moeda. Talvez a prevalência da idéia do sexo masculino como completo ajude a explicar certo radicalismo do movimento feminista. Vocês lembram que quando surgiu o feminismo e começou-se a discutir os papéis sexuais, os homens quando acusados de machistas respondiam que eram assim porque foram criados por mulheres. E esta resposta calava as mulheres... Elas sabiam que uma certa verdade existia nesta afirmação. Era como se certas

mulheres acabassem supervalorizando aquilo que não tinham, e seus filhos tinham, e que as fazia sentirem-se incompletas ou completas a partir dos filhos.

Estamos, portanto, falando de algo que aparentemente diferencia os sexos, embora como adultos sabemos que é apenas um dos atributos da diferença sexual, portanto, não o único. Disse que aparentemente diferencia os sexos porque, como mostrei acima, não é de uma simples diferenciação que está se tratando aqui. Trata-se de uma diferenciação que introduz uma hierarquização (completo/incompleto) entre os seres humanos, que tenta resolver uma ferida narcísica e que acarreta diferentes concepções lógicas: a lógica materna (a da Identidade) e a Lógica Paterna (a da Diferença). E a Fase Fálica distinguida por Freud entre a Fase Anal e a Genital expressa este momento. Creio ser este o ponto: a passagem da Fase Fálica para a Genital é crucial para o ser humano alcançar a plena sexualidade, que Freud chamou de adulta.

Portanto, algo precisa acontecer tanto no homem, quanto na mulher, para que não haja o equívoco de se julgar o sexo masculino, por ter um pênis, o completo. No artigo de 1924 já citado, Freud afirma que "esse algo não pode ser apenas uma Repressão, pois sendo assim ele (o complexo edípico) persistirá inconsciente no Id podendo reativar-se em alguma circunstância". É só com a dissolução do complexo edípico que surgem os dois sexos, portanto, o "feminino" só passa a existir mentalmente a partir da saída da Fase Fálica, sendo então uma aquisição para os dois sexos. É por isso que ele insiste no termo dissolução. Olhando ao nosso redor vemos que permanecer na Fase Fálica (ou ver o mundo através do prisma fálico, ou ainda, ter uma estruturação mental fálica) não só não é raro, como até é estimulado culturalmente entre nós.

É... um passo se faz necessário para se alcançar a genitalidade, tanto masculina, quanto feminina. Talvez resida aí neste passo a aura de mistério de certas mulheres e a capacidade de certos homens expressarem a "alma feminina". O caminho a ser tomado para esse gigantesco passo já foi descrito. Freud disse que a menina sai desta fase (Fálica) trocando o desejo do crescimento de um pênis nela pelo desejo de receber/ter um filho do pai. Lacan (Lacan, 1985) disse que não existe propriamente uma simbolização do sexo da mulher, e que a saída da Fase Fálica está ligada à descoberta que o pênis não é o Falo, mas apenas um dos seus representantes. Portanto, a saída da Fase Fálica está na realização da incompletude narcísica, e cada sexo consegue isso de uma forma. Para o homem isto só pode ser vivido como uma castração, pois significa abrir mão da idéia de possuir algo a mais, enquanto que para a mulher, que parte da idéia de não ter esse algo a mais, obviamente é uma aquisição, pois é o que a faz deixar de sentir-se incompleta.

O que para muitos é um mistério, certas mulheres sabem. Não existem seres completos e apenas isso basta para fazer algumas mulheres reagirem panfletária e/ou arrogantemente a uma suposta inferioridade, alguns homens sentirem-se castrados, outros partirem para a violência, enquanto que alguns outros (não raramente poetas) idealizam estas mulheres. Para além das diferenças, poucos e poucas se tratam como iguais. A completude só existe a dois, e aí reside o pensamento que me levou a escrever tudo isso: a unidade biológica humana é o casal (Bion, 1977). Talvez a conclusão deste aflorar de pensamentos e sentimentos seja que a Psicanálise, como todo saber, não é específica de nenhum gênero. Pode-se e deve-se pensar que características humanas facilitam ou dificultam o exercício de um ofício.

Bibliografia e Discografia:

Bion, W.R.: "2ª Conferência", in *Bion in New York and São Paulo* (1977); Londres: Clunie Press, 1980.

Lee, R., Carvalho, R.: "Cor de Rosa-choque", in *Rita Lee e Roberto de Carvalho*; R.J.: Sigla, 1982.

Freud, S.: "Organização Genital Infantil: Uma Interpolação à Teoria da Sexualidade", 1923; in *Ed. Stand. Bras, vol. XIX*; R.J.: Imago Editora, 1976.

_____ : "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", 1914; *idem, vol. XIV*.

_____ : "A Dissolução do Complexo de Édipo", 1924; *idem, vol. XIX*.

Laplanche, J.; Pontalis, J-B: *Vocabulário de Psicanálise*; Lisboa: Moraes Editores, 3ª edição, 1976.

Lacan, J.: *O Seminário, Livro 3. As Psicoses*; R.J.: Zahar Editor, 1985.

Simon, C.; McDonald, M.: "You Belong to me", in *Special Disc Jockey IV*; R.J.: WEA, 1978.

Veloso, C.: "Você é linda", in *Uns*; R.J.: Poligram, 1983.

.Na pagina 197: "Tanto o homem, quanto a mulher se pergunta o que é ser uma mulher".

.Na pagina 201 diz que "não há propriamente simbolização do sexo da mulher como tal. Do homem é o falo".

(2º sem/91)